



**67°
Salão
Paranaense
de Arte
Contemporânea**

na web, na rua, no museu

**GUIA PARA
EDUCADORES**

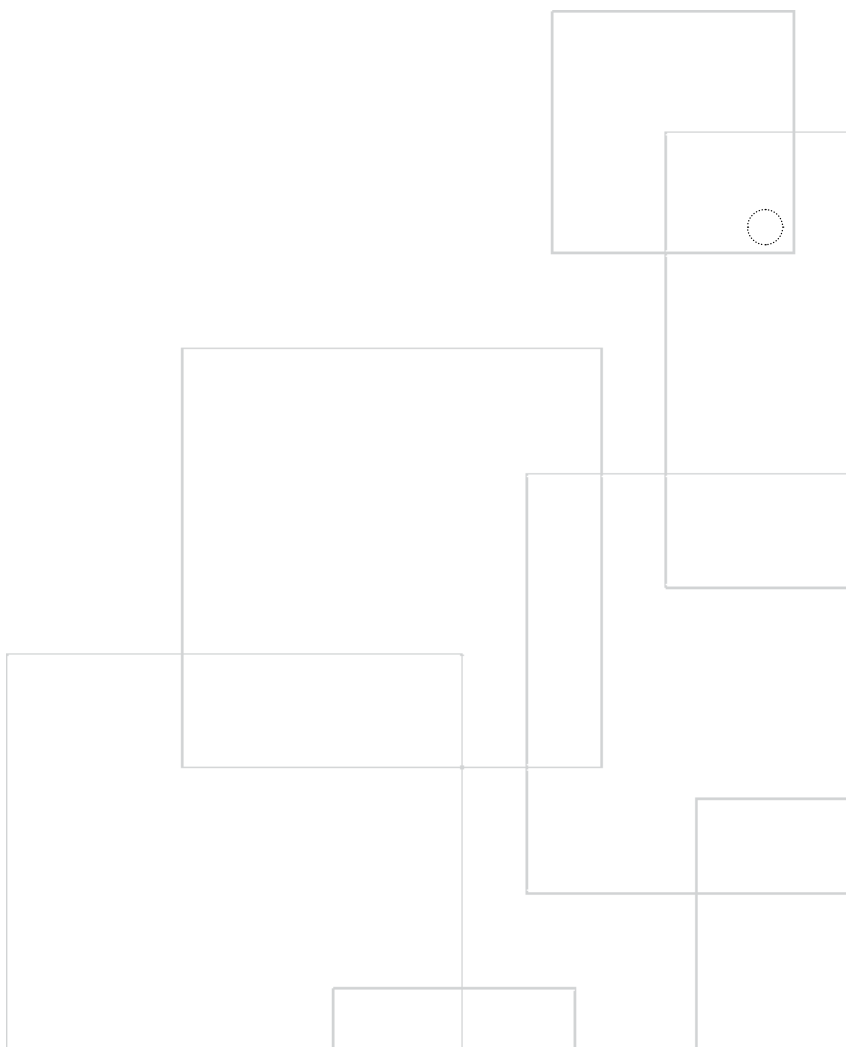


Conheça o MAC-PR

O Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR) foi fundado em 1970 com a finalidade de estimular e divulgar a criação artística contemporânea, além de abrigar e preservar um acervo de arte com cerca de 1.800 obras pertencente ao Estado. Desde então, realiza mostras do acervo e exposições individuais e coletivas de artistas contemporâneos.

Sua sede própria, um prédio de estilo eclético construído em 1928 e tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, está passando por obras de restauro e reforma. Durante este período, o MAC-PR está funcionando nas dependências do Museu Oscar Niemeyer (MON).

As exposições e eventos do MAC-PR ocorrem nas salas 8 e 9 do MON; o Setor de Documentação e Pesquisa, aberto para atendimento ao pesquisador de arte, está funcionando ao lado da sala 10, no subsolo.



O material que disponibilizamos aqui tem o objetivo de ajudar você, educador, a realizar um trabalho completo com sua turma sobre a visita ao museu.

■ Como utilizar este material

Aqui estão reunidas informações sobre o 67º Salão Paranaense, algumas sugestões de como introduzir sua turma à experiência e ainda alguns caminhos para retomar na sala de aula os temas e discussões trabalhados durante a visita mediada, estimulando também a ação criativa da turma. Nossa intenção é oferecer tópicos de discussão, sugestões pré e pós-visita para estimular o processo de aprendizagem, encorajar o diálogo e despertar o pensamento artístico e crítico em seus alunos.

Neste material não determinamos uma faixa etária para a aplicação das questões disparadoras e das atividades – cabe ao professor traduzir as reflexões propostas aqui à dinâmica própria de cada turma, seja por meio da adaptação da linguagem ou do assunto, da escolha de materiais ou de conexões com outras matérias e conteúdos trabalhados anteriormente.

Deste modo, as atividades podem ser realizadas individual ou coletivamente, e a elas serem acrescentadas outras ideias que estejam alinhadas ao trabalho pedagógico desenvolvido por cada um. Fique livre para fazer um *remix* deste material!





Índice

O que é arte contemporânea?	6
no museu, na rua, na web	8
Textos curatoriais	
Emanuel Monteiro	10
Fabrícia Jordão	12
Milla Jung	14
Keyna Eleison	16
Obras no museu	17
Atividade 1	31
Atividade 2	32
Atividade 3	34
Atividade 4	35
Atividade 5	36
Obras externas ao museu	37
Atividade 1	50
Atividade 2	51
Atividade 3	52
Como chegar no MAC no MON	53
Sala Adalice Araújo	55
Ocupe o MAC	56
Ficha Técnica	57

O que é a Arte Contemporânea?

Em seu sentido mais simples e direto, o termo “arte contemporânea” se refere às expressões artísticas (ou seja, pintura, escultura, fotografia, instalação, performance, vídeo arte etc.) produzidas nos tempos atuais. Embora essa definição aparentemente seja simples, os detalhes em torno dela são muitas vezes confusos, pois as interpretações de “atual” variam bastante. Portanto, o ponto de partida exato desse gênero ainda é muito debatido. No entanto, alguns historiadores da arte consideram o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Pop Art (ARCHER, 1997) como uma estimativa adequada para o início do período chamado de Arte Contemporânea. Analisando as produções desse

período, podemos observar que a Arte Contemporânea reflete nas suas produções as questões complexas que moldam nosso mundo, que está sempre passando por inúmeras mudanças, tanto sociais quanto políticas. Por meio de seu trabalho, muitos artistas contemporâneos exploram a identidade pessoal ou cultural, oferecem críticas às estruturas sociais e institucionais, ou mesmo tentam redefinir o conceito de arte. Neste processo, geralmente são levantadas questões complexas e instigantes, que raramente apresentam respostas fáceis. Ter curiosidade, mente aberta e compromisso com o diálogo e o debate são as melhores ferramentas para você abordar a Arte Contemporânea!

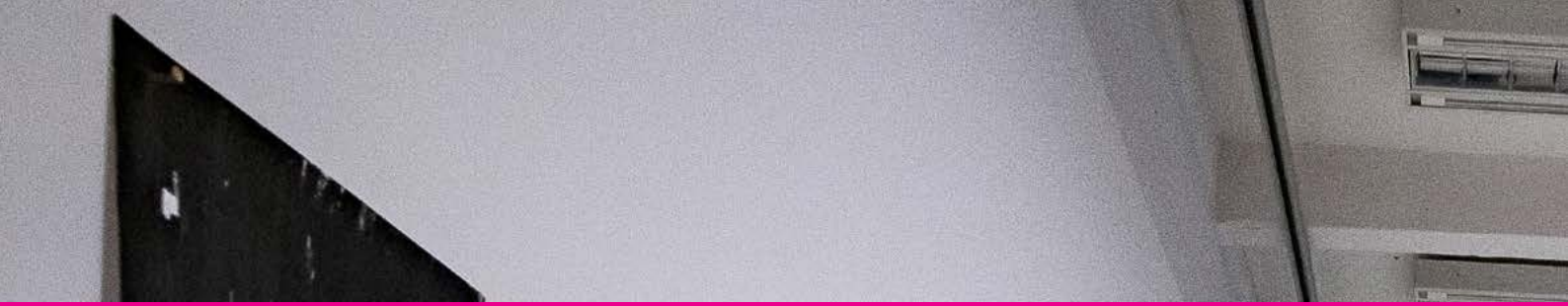
Quais são as principais características da Arte Contemporânea?

- Experimentação com novos materiais, suportes e estilos;
- Aproximação com a cultura popular;
- Questionamentos sobre os conceitos do que pode ser arte;
- Influência do cotidiano nas obras.

Quais movimentos artísticos ela engloba?

Como vimos anteriormente, por vivermos em um mundo globalizado e onde a troca de informações ocorre a todo o momento, diferentes movimentos foram surgindo dentro do período chamado de Arte Contemporânea, inicialmente como experimentações, mas que acabaram evoluindo e se tornando um movimento próprio. Abaixo, apresentamos uma lista de alguns desses movimentos, que podem ser encontrados dentro do museu:

- Arte Conceitual
- Arte Digital
- Arte Povera
- Arte Urbana
- Body Art
- Fotografia
- Hiper-realismo
- Instalação
- Performance
- Pop Art



no museu, na rua, na web

O Salão Paranaense de Arte Contemporânea, o prêmio de arte mais longo no Brasil, chega à sua 67ª edição completamente reformulado pelo MAC Paraná. Por meio de novas diretrizes atentas aos debates contemporâneos e atravessando todos os desafios que a pandemia ofereceu à concepção do evento, a atual edição do Salão reúne potentes trabalhos de artistas de todo o território nacional. Ao todo foram 1.810 inscrições e 27 propostas premiadas.

Atuando em frentes híbridas para a apresentação desses artistas, o público poderá ter contato com as obras de forma virtual e presencial em três diferentes espaços: aqui no próprio museu, nos espaços públicos da cidade com uma programação de performances e intervenções urbanas, e na internet, através de uma mostra virtual no site do MAC Paraná.

Outra novidade da edição foi o revisionismo profundo das políticas de acervo e aquisição do MAC Paraná com a reformulação de quatro categorias do edital de seleção, visando especialmente a ampliação de representatividades de raça e gênero entre artistas premiados.

Além disso, a edição 67 do Salão Paranaense contemplou trabalhos em arte digital, linguagem web arte e audiovisual que utilizam a web como interface, e dedicou uma categoria exclusiva a performances e intervenções urbanas, posicionando o Museu em contato íntimo e direto com a cidade, a arte fora dos espaços tradicionais da arte.

Como órgão público, o MAC Paraná entende que suas ações integram um plano estratégico maior de soluções para a cultura, reforçando o papel fundamental da arte na vida em sociedade. Vivemos um momento único, no qual não é possível produzir uma exposição que ignore o que está acontecendo ao redor. Nesse sentido, as novas diretrizes do museu apontam como sendo fundamental a realização de mostras que sejam não apenas visitáveis, mas também socialmente relevantes.

Aproveitem por completo a experiência do 67º Salão Paranaense de Arte Contemporânea – no museu, na rua e na web.

MAC Paraná



Salvar o museu? A ideia de um Salão de Arte Contemporânea organizado por um museu que se propõe a pensar e repensar o seu papel no Brasil em 2022 é bastante complexa. Um dos papéis do salão e do museu passa pelo princípio de institucionalização de obras, artistas e demais agentes do meio. Há décadas que se mantém em pauta o debate e a disputa sobre as diversas narrativas históricas, artísticas, de comunidades e indivíduos, de modo a colocar em xeque o discurso hegemônico elaborado e mantido por aqueles aos quais a estrutura hierárquica da sociedade é favorável aos seus interesses e manutenção dos seus privilégios.

O desejo revolucionário de reparação histórica ante as estruturas de poder e violência, quando posto em movimento por uma instituição como um museu, depara-se com muitos dilemas e pontos sensíveis. Os métodos de organização de um salão de arte são fundamentalmente problemáticos, excludentes, quando se espera obter um panorama da produção artística que contemple ao mesmo tempo o rigor poético nas discussões sobre as linguagens em questão, aliado ao desejo de obter uma amostragem mais ou menos justa da diversidade de propostas e, ao final de contas, de ideias sobre arte no país.

Tais dilemas requerem um esforço que está para além da superfície do que se “diz” comumente que as obras “dizem”. Aqui o termo superfície pode ser tomado como falta de substância, fragilidade. Mas depois, torna-se necessário pensar inclusive a importância das superfícies, agora como a parte à mostra do corpo das obras posto à vista. O desejo de lidar com essas superfícies, com aquilo que se mostra, liga-se não somente ao desejo de tomá-las como ponto de partida para a elaboração de discursos e narrativas, mas à busca de encontrar o ponto nas obras que apresentam seus fundamentos, princípios e estruturas. Uma organização cujo movimento de nascimento e desenvolvimento parece estar intimamente ligado àquilo que elas vieram a se tornar, àquilo que são, enfim. Interessa ao museu saber o que têm a dizer indivíduos e comunidades historicamente subalternizados?

Pois, para não deixar passar a riqueza destes “dizeres”, é importante compreender que eles trazem, não raramente, uma proposta revolucionária de modos de vida, a partir do ponto em que vivem a vida tais indivíduos e comunidades. Desses outros lugares, vejo e desejo, não de vir novos sonhos.

Emanuel Monteiro



Hoje o museu vem sendo convocado a assumir a responsabilidade de seu comprometimento histórico com práticas e políticas de desconstituição e extração; a reconhecer sua contribuição na manutenção de dinâmicas e imaginários coloniais.

Diante dessas exigências, cabe nos questionarmos se o museu tem efetivamente desenvolvido políticas de constituição do que foi destituído e está realmente comprometido com a tarefa de descolonização e desocidentalização de sua cultura e seu imaginário institucionais.

Do mesmo modo, devemos nos questionar o quanto “contar outras histórias” em exposições decoloniais tem postergado um efetivo questionamento sobre o papel crucial que tem essa instituição na seleção e no enquadramento de narrativas que compõem um projeto de poder normativo.

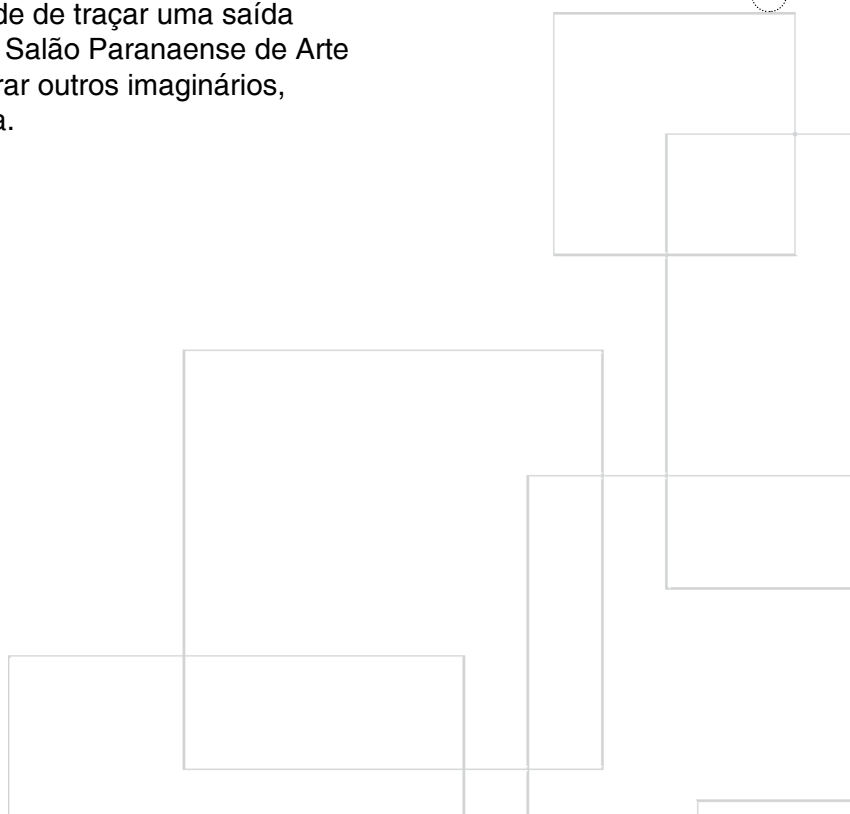
Como “contar outras histórias” nos ajudaria a justificar a existência, a relevância e a permanência do museu no presente? Como “contar outras histórias” poderia ajudar a reimaginar o museu?

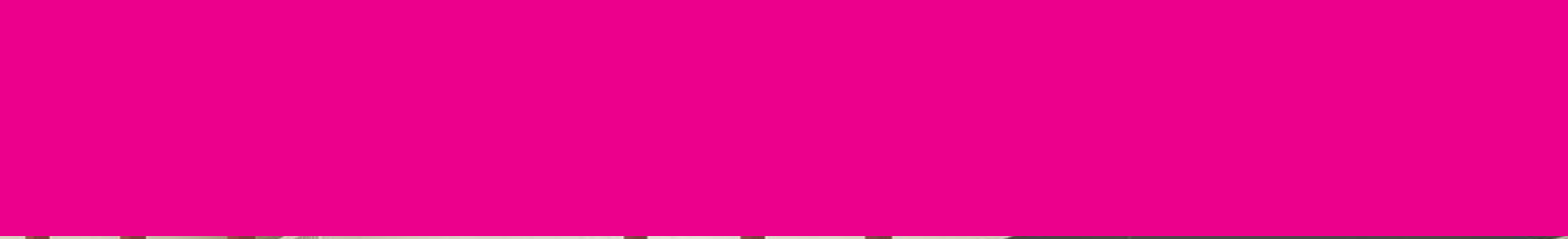
Se o museu é uma instituição que se afirma historicamente a partir da violência e da barbárie, por que reafirmar o museu como um princípio de realidade incontestável?

O que estamos protegendo quando defendemos o museu?

A tarefa de instaurar um outro museu é urgente e necessariamente coletiva e colaborativa. Nós, como membros da comunidade, trabalhadores e administradores de arte, temos a responsabilidade de traçar uma saída ou a implosão do museu como o conhecemos. O Salão Paranaense de Arte Contemporânea, em sua 67ª edição, ao incorporar outros imaginários, parece sinalizar que talvez exista uma alternativa.

Fabrcia Jordão





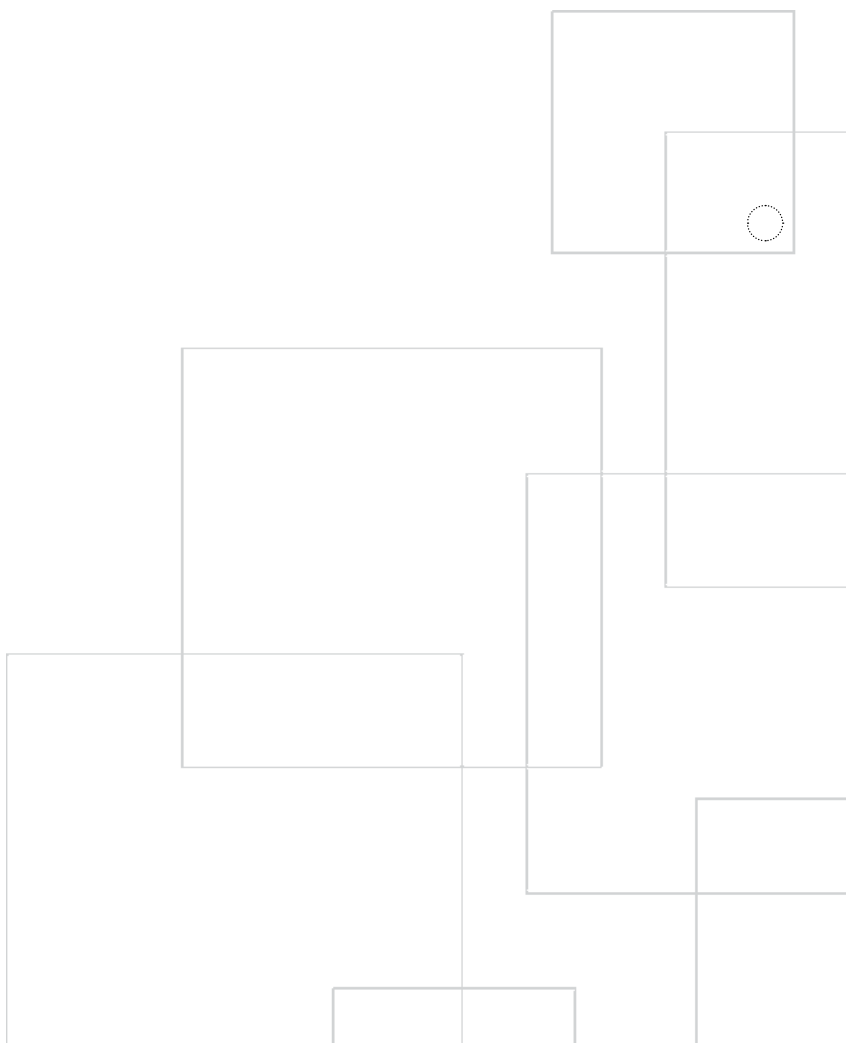
Com a intenção de compartilhar diferentes ferramentas de percepção sobre o contemporâneo, a curadoria do 67° Salão Paranaense apresenta um recorte da diversidade encontrada hoje nas práticas artísticas no Brasil.

Se, por um lado, a singularidade de cada trabalho se sustenta e convoca o espectador a reagir ao aqui e agora, por outro, o rebatimento coletivo desses trabalhos na esfera pública articula a formação de novos públicos e, por consequência, potencializa a formulação de outros imaginários.

Na passagem de espectadores-participantes para públicos-agentes encontra-se uma das principais contribuições deste Salão: a de manter ativa a capacidade política de afetar e ser afetado, ou seja, manter tanto o entusiasmo quanto a conversa crítica acontecendo.

De modo mais específico, isso demonstra que as premissas sobre o que pode ser a arte hoje desenham-se como uma cartografia desenhada a giz, que incorpora o agenciamento do(s) público(s) e por isso se redesenhará a partir de agora com a presença de vocês.

Milla Jung





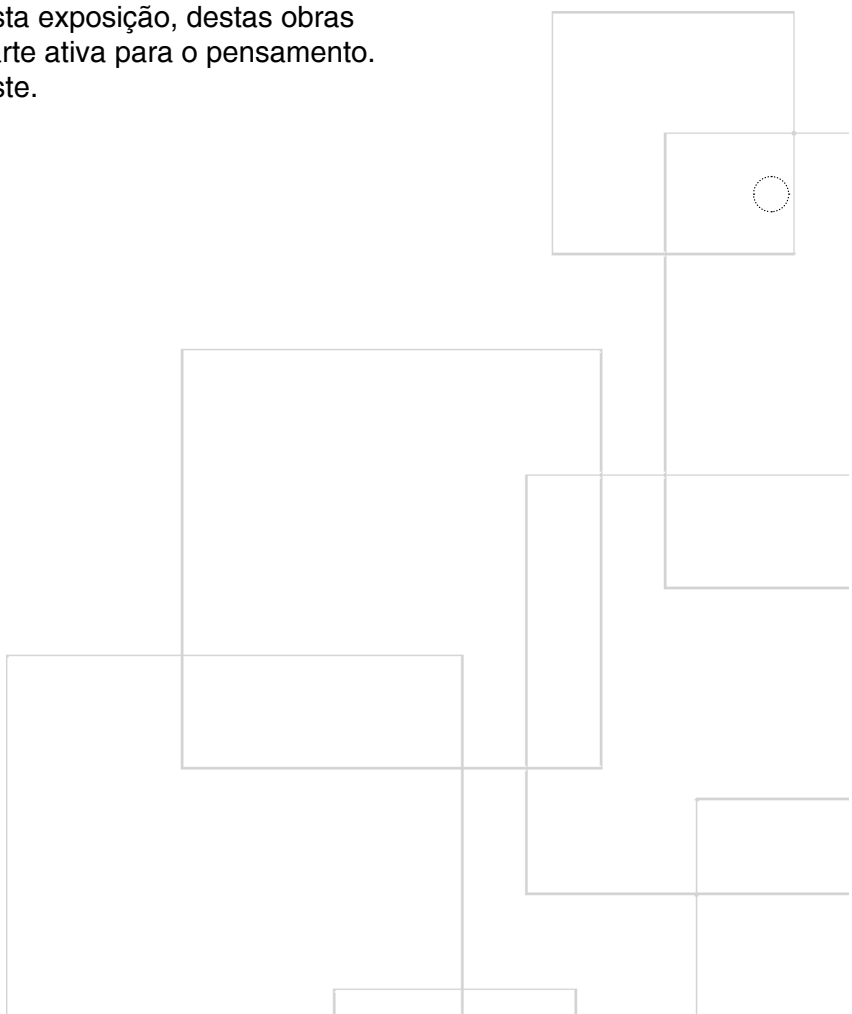
Estar no Salão atravessou questões para além das propostas, tanto do trabalho da curadoria quanto dos trabalhos que estão selecionados, que hoje parecem mais cotidianas pelo tempo já vivido de pandemia e das soluções para seguir vivendo. Conversamos, discutimos, trouxemos questões, nos conhecemos, concordamos, discordamos e construímos juntas, no tempo espaço de computadores e celulares. Esses sim presentes. Cada artista, pessoa, detalhe teve a interlocução midiática para acontecer. E, aos poucos, as dinâmicas foram estimuladas na crença. Foi acreditar que a relevância desses momentos partilhados entre pessoas distantes em tantos aspectos poderia ser de aprendizado - e de saúde.

E nada foi impossível. Seguimos num movimento de uma saudade nova. Um gosto de saudade, que brota como grama. E colocar essa saudade como parte construtiva do Salão.

Este Salão, histórico por tantas razões, é uma entrega vital. Um dispositivo de resposta institucional, uma discussão de presença artística, um trabalho coletivo, um ato poético dentro de revoluções e implosões éticas e estéticas.

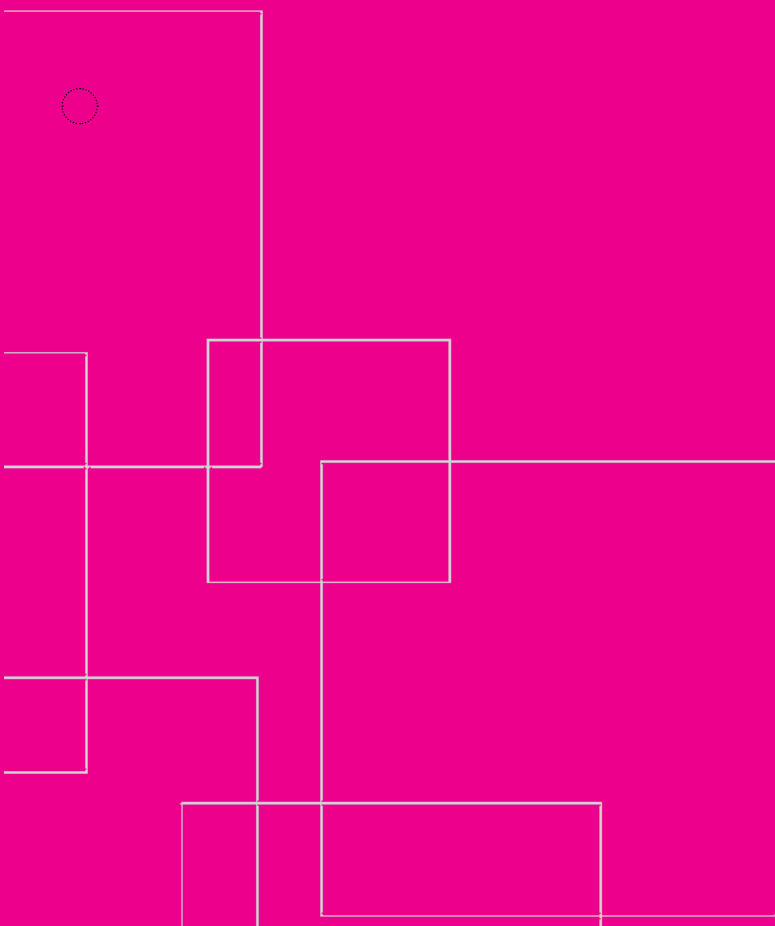
E nesse processo, longo, talvez o mais longo até hoje, para que todas as pessoas possam viver e celebrar a presença desta exposição, destas obras e deste acervo a seguir com a saudade como parte ativa para o pensamento. Saudade do que não vivi e felicidade do que existe.

Keyna Eleison





■ Obras no museu





MOARA TUPINAMBÁ

Belém / PA

Museu da Silva, 2019

Instalação

Sobre seu trabalho

A instalação é um pouco do processo de minha busca sobre as memórias da minha própria família, contadas por nós mesmos, a gente vai tecendo os fios da memória tentando de alguma maneira contar a nossa história, história da nossa família a partir de áudios, de fotos de acervo, de vídeos, documentos e isso vai criando um ambiente que é a instalação do Museu da Silva.

Moara Tupinambá, 2021.



CLAUDIA LARA

Curitiba / PR
Estratos Cúmulos, 2020
Instalação

Sobre seu trabalho

Estratos cúmulos é um tipo de nuvem com aparência estável mas que apresenta instabilidade em seu interior.

A obra “Estratos Cúmulos” é feita de várias camadas de filó e uma última camada sobre a qual aplico bordados: os bordados em máquina de costura foram feitos por mim e reproduzem fotos de meus familiares; e os bordados manuais foram feitos pela artesã Suely Piccioni e pelas senhoras da Associação São Roque, comunidade do Bairro Guaraituba, Curitiba – PR. Eu vejo essa obra como um diálogo com minha família, com tios, mãe, avós, bisavós. Esse diálogo remete à vida, à realização, à insatisfação, às reuniões, às confraternizações desses familiares com suas questões, que em certo momento não foram faladas, porque o racismo era um tema tabu, que não podia ser tratado. São diálogos que não existiram, por isso a obra é como um conto imaginário com personagens reais.

Claudia Lara, 2021.





DIOGO DUDA

Curitiba / PR

Xunxo, 2020

Pau-brasil, pano de chão usado, cimento, PVC, isopor, tachinhas, tinta de resina acrílica

Sobre seu trabalho

Xunxo: recurso alternativo tecnicamente não adequado.

Paz-pau-brasil-pano-de-chão.

João-bobo, Zé-bobo, Chico-bobo, Eu-bobo...

E a corte? Suave! E tu, é bobo ou quer um conto?

Da ponte pra cá¹ tem vários: conto da democracia racial, conto da equidade de gênero, do Estado laico, da meritocracia... Carochinha aqui é mato!

E o mato, que é bom: se acabando em fogo; e o povo, junto; a mais de 500 carnavais.

Lá: chibata; cá: bala; bancada dos “de bem”, dizem. Abya Yala². No teu seio³: banzo e brasa.

Se pá, é POP. Diz a TV que é.

Nhanderu⁴? Vai vendo: até o Watu⁵ já tingiram!

E agora, de que Vale? Paz sem voz⁶ ainda é paz?

Ou é xunxo?

Diogo Duda, 2021.



¹ RACIONAIS MC'S. Da ponte pra cá. Nada Como Um Dia Após O Outro Dia (Ri Depois). São Paulo, Cosa Nostra, 2002.

² Designação, por parte dos povos originários, do continente também chamado de América. Disponível em: <<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>> Acesso em 20 set. 2021.

³ DUQUE-ESTRADA, Joaquim Osório. Hino Nacional. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/hino.htm> Acesso em 20 set. 2021.

⁴ Divindade da cosmogonia Guarani. Disponível em: <<https://www.xapuri.info/sagrado-indigena/nhanderu-o-deus-luz-guarani-da-infinidade-das-cores/>> Acesso em 20 set. 2021.

⁵ KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo, Companhia das Letras, 2019. p. 40.

⁶ O RAPPÁ. Minha Alma (A paz que eu não quero). Lado B Lado A. Warner Music, 1999.

ELIAS DE ANDRADE

Londrina / PR

Enchentes para o dia seguinte, 2019

Grafite, nanquim e guache sobre papel; desenho.

Criado mudo para quem? Sonho. 2019

Grafite e nanquim sobre papel; desenho

Cama e cadeira – marcenaria de desenhos ou a necessidade faz a ocasião, 2019

Grafite, nanquim e guache sobre papel; desenho.

Sobre seu trabalho

Os trabalhos “Enchentes para o dia seguinte”, “Criado mudo para quem? Sonho” e “Cama e cadeira, marcenaria de desenhos ou a necessidade faz a ocasião”, todos de 2019, são três trabalhos que tem em comum a ação de fricção enquanto frotagem em alguma superfície do ateliê/quarto que eu utilizava como local de trabalho. Três ações: cortar, lixar, envernizar, são ações que eu tenho como referências do ofício de marceneiro, enquanto fazer e, enquanto memória. Essas ações são observadas nos traços, na divisão e ocupação do espaço desenhado. Assim, elaboro os traços como corte, como movimentos de lixar ou movimentos de envernizar, aliados a observação do espaço quarto/ateliê. Penso que esses modos de traçar ativam determinada memória, tanto quanto a observação do local.

Elias de Andrade, 2021.



BIANCA MADRUGA

Niterói / RJ

Relógio que atrasa não adianta, 2021

Performance transmitida ao vivo

Sobre seu trabalho

O trabalho é pensado a partir da importância do samba na cultura nacional. A força política e disruptiva que têm, sobretudo nos dias de hoje, o samba, a roda de samba, as vozes do samba. Trazer algum sim, algum respiro para o horizonte, aparece aqui como algo que deseja não estar em conformidade com os discursos vindos do poder. A proposta consiste em uma live, a ser feita na plataforma do YOUTUBE, que terá a duração de 3 horas.

Bianca Madruga, 2020.





GUSTAVO CABOCO

Curitiba / PR

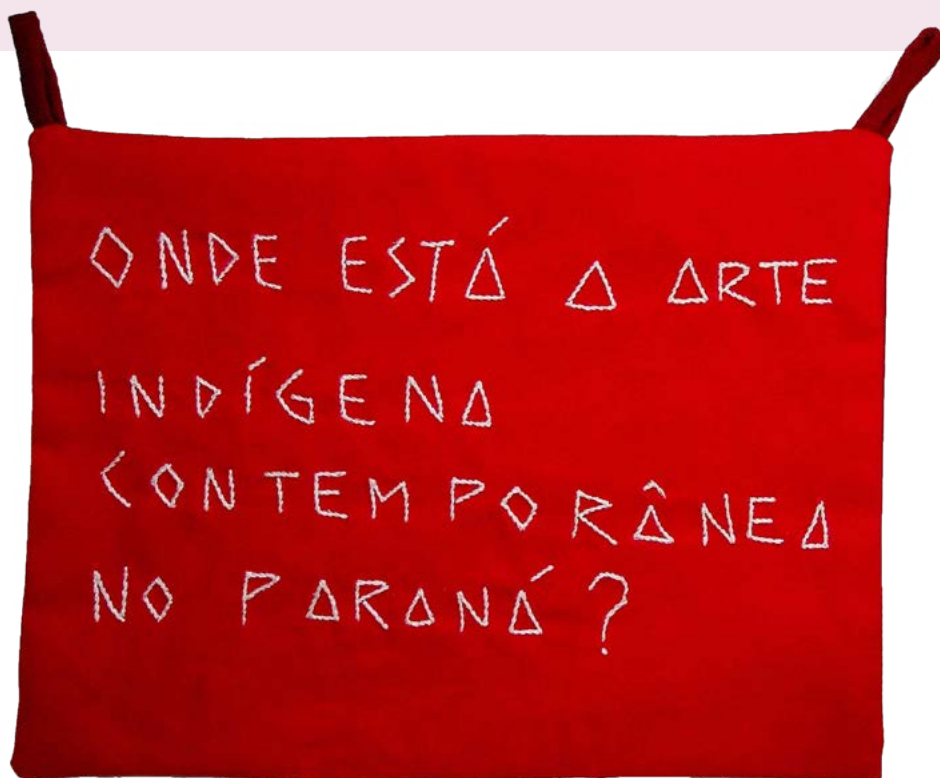
Coma colonial, 2020

fios de algodão e bordado sobre brim

Sobre seu trabalho

“Coma colonial é uma obra composta por 15 bandeiras produzidas em colaboração entre mim, Gustavo Caboco, e minha mãe, Lucilene Wapichana. Trata-se de um diálogo com um sono profundo da nossa história, nossa história Wapichana, e da história indígena brasileira. Dos apagamentos. Esta provocação evoca uma série de questões: estamos em diálogo? Quais histórias indígenas estão em nosso entorno? É possível plantar o corpo? Coma colonial. Que histórias sobre território, fronteiras e as diásporas dos povos indígenas em contexto de deslocamento atravessam o tempo presente? Vamos acordar deste coma colonial.”

Gustavo Caboco, 2021.



DIEGO CRUX & GIAN SPINA

São Paulo / SP

Calabouço e os arrasamentos

quando morro, 2020

vídeo, cor, 16:9

19'15"

Sobre seu trabalho

“Calabouço e os arrasamentos quando morro” é um trabalho realizado em colaboração entre os artistas Diego Crux e Gian Spina. O vídeo é uma série de anotações visuais sobre a palavra-lugar “Calabouço” que tem seus significados sobrepostos numa casa de tortura no período do Brasil colonial, no restaurante estudantil cenário do assassinato de um jovem racializado na ditadura militar e nas atualizações das tecnologias de violências no presente. Esse trabalho é sobre a memória de um lugar que se expande e se desloca, de modo recalcado e não linear, no passado e no presente. Diego Crux, 2021.



sem saber o que nem o quando.

ROGÉRIO VIEIRA

São Paulo / SP

Todos somos alvos aqui, 2020

Fotografia

Jota B - Parque Arariba - SP

Joh - Chácara Santana - SP

Jota B - Favela Cai-cai - SP

Gustavo - Favela Monte Azul - SP

Ricardo - Parque Munhoz - SP

Lucas Moura - Jardim São Luís - SP

Jota B - Celeste - SP

San - Favela Monte Azul - SP

Sobre seu trabalho

“Somos todos alvos aqui” é um projeto de retratos cru e direto, que nasce com a intenção de manter vivo o debate sobre a violência policial sofrida por pessoas das periferias e favelas do Brasil – pessoas que na sua maioria são de pele preta. Ferramentas e acessórios do dia a dia são usados como metáfora, e se referem às mortes de pessoas assassinadas por policiais que confundiram uma ferramenta com arma de fogo. Em uma segunda-feira, 17 de setembro de 2018, Rodrigo Alexandre da Silva Serrano foi baleado por policiais que teriam confundido seu guarda-chuva com um fuzil. Qual a cor da pele do Rodrigo?

Escolhi fotografar com uma câmera de médio formato, e foram usadas em média cinco a seis poses para cada personagem. Todos os fotografados neste ensaio são da cidade onde vivo, São Paulo.

Rogério Vieira, 2021.



TRAPLEV

Caçador / SC

After new deal, 2020/21
Ação

Sobre seu trabalho

Para o Salão Paranaense em 2021, o artista propôs um desdobramento inédito do projeto “After New Deal” (depois do novo acordo) 2020/21, que está chamando de série/ação que consiste em se apropriar da circulação dos mediadores e funcionários do museu para fazer circular no espaço expositivo, por meio de camisetas vestidas por eles, duas estampas de dois trabalhos que se relacionam com um contexto de crítica e experimentação de linguagem.

A proposta inédita é incitar a curiosidade do público que visualizará o trabalho em sua circulação efêmera dos mediadores, assim como também em uma das paredes da exposição, em uma TV, onde haverá um gif animado contendo uma das estampas e um texto que evidencia então a “série/ação” em que o artista propõe duas conversas online, com os mediadores + convidados e interessados em geral sobre a proposição. Os encontros serão pré-agendados (um no início e outro ao final da exposição), e divulgados pelas redes sociais do Museu.

Traplev, 2021.



VULCANICA POKAROPA

Presidente Bernardes / SP

Desaquenda, 2019

Vídeo

Vita Pereira 07'19"

Dodi Leal 08'07"

Rosa Luz 08'52"

Lyz Parayzo 10'18"

Bruna Kury 13'10"

Carmen Laveau 08'49"

Caio Jade 09'47"

Leona Jhovs 10'57"

Ventura Profana 12'53"

Rainha Favelada 10'47"

Mogli Saura 9'25"

Jota Mombaça 14'21"

Sobre seu trabalho

O trabalho “Desaquenda” surge por começar o Mestrado e perceber a falta de referência teórica produzida por pessoas como eu, por isso resolvi criar a série, que é meu principal trabalho de Mestrado em Teatro. Pensando em não fazer um trabalho acadêmico no modo que eles pedem. Pensando em outras como eu poder ter acesso a isso. Pensando na minha avó, na minha mãe conseguirem entender o que eu estava produzindo, já que a escrita muitas vezes fica limitada a um público específico.

Por conta dos silenciamentos e apagamentos de nossas existências em todos os âmbitos sociais, resolvi que seria de extrema importância ter a oralidade e a visualidade, já que nossas humanidades são tiradas, eu acredito que trazer as pessoas gesticulando, colocando intenção na voz, tendo esse contato visual, seja algo válido nesse sentido.

“Desaquenda” é uma série de vídeos onde pessoas Transexuais, Travestis e Não Binárias falam sobre teatro, performance, vida, militância, raça, gênero e várias outras pautas que atravessam o fazer artístico e nossas vidas.

Vulcanica Pokaropa, 2021



BRUNO MORENO

Teresina / PI

Camboa, 2020

Vídeo

15'

Sobre seu trabalho

Camboa: um estreito por onde a água penetra na maré alta e esvazia na maré baixa. Pescadores aqui do Piauí chamam de cova do mar, onde se pode pescar peixes miúdos, fazer oferendas e despachos. Vídeo gravado no dia 02 de setembro de 2020, lua cheia. Um trabalho de Bruno Moreno criado em parceria com Maurício Pokemon.

Bruno Moreno, 2021.



JÉSSICA MADONA

Rio de Janeiro / RJ

“Todos te amam até você se assumir preta”, 2020/2021

Performance

Sobre seu trabalho

Esta obra conta a minha trajetória íntima e pessoal, a minha diáspora da Baixada Fluminense à zona sul do Rio de Janeiro. Durante esta travessia, construí relações interpessoais, e hoje compreendo que essas relações foram pautadas no racismo estrutural, que é o quadro de mentalidades em que a sociedade brasileira foi estruturada. Ao refletir sobre meu transcurso geográfico (da Baixada Fluminense à zona Sul do Rio), encaro as relações abusivas e principalmente o processo de reconhecimento da minha pretitude, que faz com que eu me reconecte com as minhas raízes, com a minha ancestralidade, fazendo-me assim despertar para o autoamor e a construção da autoestima da mulher que sou. “Todos Te Amam...” é uma ode ao amor próprio, ao amor de uma mulher preta por ela mesma.

Jéssica Madona, 2021.





MARIA MACEDO

Juazeiro do Norte / CE

**Procissão para os corpos
que não morreram**, 2020
Vídeo Performance/videoarte
3'30"

Sobre seu trabalho

Caminho reverso para a cura do avesso. Ação/oração/devoção silenciosa para os corpos que permanecem vivos, mas invisíveis. Uma procissão de desejos gestados no útero dos pés em contato com o trato da terra. Rumo controverso da promessa de salvação das urbes. Uma crítica aos processos de retirada vivida por milhares de pessoas em épocas da seca, e as migrações em busca das centralidades que ainda são impostas como condição de vida. O caminho de volta em devoção com a terra. Cruzamento de terra com asfalto. Encontro com a memória, benzimento das quatro. O asfalto não vai salvar ninguém.

Maria Macedo, 2021.



ATIVIDADE 1

PERFORMANCES

Realize um debate entre os alunos usando como base as performances “Todos te amam até você se assumir preta”, de Jessica Madona, “Camboa”, de Bruno Moreno, e “Procissão para os corpos que não morreram”, de Maria Macedo. A partir desse debate, sugira aos alunos que seja realizada uma pesquisa sobre uma performance da escolha do aluno (podendo essa ser realizada individualmente ou em duplas). A pesquisa deverá ser apresentada aos colegas em sala.

Indicações de site para pesquisa:

Prêmio PIPA: www.premiopipa.com/artistas/

OBJETIVOS CONTEMPLADOS PELA PROPOSTA:

- Reconhecer e identificar a performance como uma prática artística;
- Ampliar o repertório dos alunos acerca deste movimento artístico;
- Conhecer alguns dos elementos que envolvem essa prática, como o corpo, o espaço e a multidisciplinaridade que a modalidade permite junto de outras linguagens artísticas, como o teatro, a dança e as artes visuais;
- Por meio do processo da pesquisa, reconhecer as propostas atrás das performances.

ATIVIDADE 2

NUVEM DA MEMÓRIA

por Claudia Lara

A atividade têxtil, com seu caráter grupal e narrativo, vem demonstrando que é catalisadora, que contribui para a permanência do mito, semelhante aos tempos primordiais. Por todo o mundo, estes grupos também se organizam através das redes sociais e denomina-se Movimento Yarn Bombing. São grupos que, por meio do crochê, tricô e bordado manual situam-se sob a influência da refundação de atitudes criativas que ativam laços de proximidade, autonomia e consciência do próprio lugar no mundo, ao modo das construções de malhas têxteis através do entrelaçado do fio com agulhas. Essa atitude é paralela à tendência de retorno aos modos de vida ligados aos processos naturais e às tecnologias leves, anteriores à industrialização, uma Slow Culture.

PRIMEIRO MOMENTO:

- Trazer a ideia do conceito de nuvem, no sentido das nuvens na natureza, nas referências poéticas e na cultura popular. Se conhecem o clima pelo formato das nuvens, se tem hábito de observar o céu e as formas das nuvens.
- Trazer a reflexão sobre armazenamento e nuvem. O que guardamos, como utilizamos espaço e tempo (e investimento) na organização de nossos acervos e memórias.
- O que baixamos dessa nuvem virtual para o mundo real, o quanto dessa intimidade armazenada chega a impactar nosso cotidiano?

SEGUNDO MOMENTO:

- Após o diálogo, propor que cada um construa sua nuvem através do bordado e da costura.
- O ponto de partida para a forma e o que será bordado na nuvem virá de haicais* de poetas paranaenses, onde cada participante escolherá seu haikai. Pode se deixar livre se alguém quiser criar seu haikai inspirado na conversa anterior.
- *Haikai: é uma forma curta de poesia japonesa. Poesia objetiva e sintética. Abaixo, temos algumas sugestões:

“No poema e nas nuvens,
cada qual descobre
o que deseja ver.” (Helena Kolody)

“Nuvens brancas
passam em
brancas nuvens.” (Paulo Leminski)

“Não sei se as nuvens estão fingindo
Ou é o vento fazendo loucuras
Num pedacinho do céu.”(Luiz
Rettamozo)

“Céu caixinha de joias
Em nuvem de prata
Fio de ouro se apoia.”(Gabriela Terzian)

Depois de cada um resolver qual haicai
escolheu, distribuir o material.

A atividade inicia com cada um
amassando seu plástico bolha dando
a forma de uma nuvem. Se necessário,
pode-se usar fita adesiva transparente
para prender em alguns pontos.

Depois, costura-se o tule no entorno
desse volume do plástico, tentando
preservar a forma de nuvem feita e sem
tensionar demais o tule. O tule deve
continuar a ter o aspecto de leveza.
Bordar palavras, elementos, figuras
diretamente sobre a face do tule
ou bordar em retalhos de tecidos
e depois aplicar no entorno do tule
com pontos de alinhavo.

No final, monte um painel com as
nuvens de todos os participantes, onde
quem quiser, fala da sua nuvem.

MATERIAIS:

- Haicais impressos para visualização e escolha
- 50 cm de tule na cor branca ou azul claro para cada participante
- 50 cm de plástico bolha para cada um
- 1 agulha grande para cada um.
- Linha preta, fios coloridos de lã e linhas diversas
- Retalhos de tecido na cor cru
- Fio de costura na cor cru ou branca
- Fita adesiva transparente

OBJETIVOS CONTEMPLADOS PELA PROPOSTA:

- Valorizar o trabalho em coletividade. Em coletivos, as pessoas unem-se para superar isolamentos, trocar ensinamentos técnicos, conversar e criar suas histórias;
- Refletir sobre nossas memórias e nossas escolhas na seleção dessas memórias;
- Exercitar o psicomotor e o criativo no uso de tecidos e bordados.
- Entrar em contato com poemas haicais de artistas do Paraná.

ATIVIDADE 3

RESSIGNIFICANDO...

O artista Diogo Duda busca em sua produção ressignificar objetos comuns do dia a dia, como por exemplo na obra “Xunxo”, exposta no 67º Salão Paranaense. Esta proposta de ressignificação vem de uma situação ocorrida na experiência do artista, que ao se deparar com uma escassez de materiais, decidiu olhar ao seu redor e repensar estes objetos diários, utilizando um olhar e pensamento artístico sobre eles, e empregá-los em suas obras, que apresentam em seus temas reflexões sobre contextos político-sociais, culturais e artísticos que cercam o artista.

Na obra “Xunxo”, vemos a articulação que o artista realizou com estas ideias dos significados tanto na hora de nomear a obra quanto com os materiais utilizados, pegando estes objetos do cotidiano e dando um novo sentido para eles. Na Língua Portuguesa temos várias palavras que têm mais de um sentido e podem apresentar significados diferentes, sendo chamadas de palavras polissêmicas. Partindo dessa ideia, apresente aos seus estudantes algumas destas palavras e que a partir delas busquem objetos comuns do cotidiano deles para produzirem obras que remetam a essas palavras e seus diversos significados em conjunto com a ressignificação dos materiais, assim como o artista Diogo Duda fez com sua obra.

Abaixo, apresentamos algumas sugestões de palavras que podem ser trabalhadas com os alunos:

Ponto - Manga - Verão - Pilha - Peça
Cabeça - Vela - Pena - Pregador - Banco
Rede - Etiqueta - Boca

OBJETIVOS E HABILIDADES DA PROPOSTA:

- Articular as relações entre as linguagens artísticas e a Língua Portuguesa, apresentando aos alunos possibilidades de conversa entre estas linguagens.
- Incentivar a autonomia, a crítica e a autoria nas artes.
- Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
- Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais.

ATIVIDADE 4

DESAQUENDA

Enquanto fazia seu mestrado em teatro, a artista Vulcanica Pokaropa incomodou-se com a pouca referência teórica produzida por pessoas como ela, que é travesti. A partir daí, surge o trabalho “Desaquenda”, uma série de 12 vídeos onde pessoas Transexuais, Travestis e Não Binárias falam sobre teatro, performance, vida, militância, raça, gênero e várias outras pautas que atravessam suas vidas e seu fazer artístico. Para Vulcanica, foi válido pensar na acessibilidade destes depoimentos, pois, levando em conta os silenciamentos e apagamentos das pessoas trans, travestis e não binárias, foi de extrema importância que as experiências fossem compartilhadas através da oralidade, da gestualidade e da visualidade, em detrimento aos textos acadêmicos, complexos e pouco acessíveis.

Todos os vídeos da série, que estarão presentes no 67º Salão Paranaense, podem também ser acessados no YouTube. Para esta atividade, a depender do número de alunos em sala, proponha que cada um (ou cada dupla ou grupo) assista a um dos vídeos da série “Desaquenda”, de modo que nenhum dos doze vídeos fique de fora. Depois, faça uma roda de conversa com a turma, peça para que se organizem em círculo. Proponha um debate sobre o trabalho de Vulcanica, chamando a cada estudante para que compartilhe com a turma do vídeo que assistiu: sobre quem era? O que foi contado? Os alunos que eventualmente assistiram ao mesmo vídeo poderão ter diferentes perspectivas. Questione com os alunos também qual é a importância do compartilhamento destas histórias.

OBJETIVOS CONTEMPLADOS PELA PROPOSTA:

- Incentivar o debate e o pensamento crítico entre os alunos;
- Gerar uma discussão sobre assuntos relacionados à sexualidade, gênero e convivência;
- Exercitar a conversação e a oralidade.

Link para os vídeos da série Desaquenda:

https://www.youtube.com/watch?v=nj4A18P73Gc&list=PLXQe_iv6pg4OPE8ZNFwxdmEvhAhEGiygu

ATIVIDADE 5

MEMÓRIAS

Percorrendo cartografias da memória, identidade, ancestralidade, resistência indígena e pensamento anticolonial, a artista Moara Tupinambá cria um ambiente, a instalação do Museu da Silva, a partir de áudios, fotos de acervo, vídeos e documentos.

Artista visual e ativista das causas indígenas da Nação Tupinambá, Moara é natural de Mairi (Belém do Pará), e sua ancestralidade genealógica tem origem na região do baixo Tapajós, em Vila de Boim e Cucurunã.

Em seu site, a artista comenta sobre o trabalho: “Comunidades de beira de estrada são corriqueiramente negligenciadas.

Muitas dessas comunidades têm como origem povos tradicionais, dentre eles os povos indígenas. Cucurunã é uma dessas comunidades e está localizada entre Santarém e Alter do Chão no oeste do Pará, região denominada “Eixo Forte”, no baixo Amazonas. O Museu da Silva surge do ideal de reconexão e continuidade das memórias de meus parentes de Cucurunã como uma forma de potencializar o viver e sabedorias de comunidades tais como ela, que traz em seu interior uma importante identidade indígena que foi apagada ou subjugada pelos processos de colonização ao longo da história brasileira” (Moara Tupinambá, disponível em: <https://www.moarabrasil.com/museudasilva>)

Nesse caso, Moara compõe o cenário com uma árvore genealógica, - organizada em cinco ambientes – um canteiro de terra, – ora batida ora cavoucada – algumas fotos de família projetadas, um peixe falso com farinha

de mandioca num prato de barro e uma carta com histórias de sua avó falando de costumes. A instalação é, então, um cenário, um ambiente, uma composição. Proponha aos alunos que pensem em suas próprias árvores genealógicas, naquilo que fazem lembrar de suas famílias. Converse com a turma sobre, mostrando as imagens do trabalho da Moara montado no 67º Salão Paranaense. A partir dessa reflexão, provoque-os a construir uma instalação que rememore suas próprias famílias e origens.

Os materiais que vão se utilizar podem variar de aluno para aluno, estando eles livres para comporem sua instalação com aquilo que desejarem, desde que possam falar sobre. Depois de montados, eles devem fotografar os cenários, apresentando-os para os demais.

OBJETIVOS CONTEMPLADOS PELA PROPOSTA:

- Trabalhar temas pertinentes como memória, família e decolonialidade com os alunos;
- Estudar e compreender a instalação e seus componentes como uma expressão artística válida;
- Refletir sobre a importância da memória para o nosso dia a dia e para a sociedade, principalmente a brasileira.



■ Obras externas ao museu

Categoria 1

Trabalhos realizados de arte digital, linguagem web arte, audiovisual que usem a web como interface para realização.

Categoria 3

Propostas de ações, performances ou intervenções urbanas para serem realizadas durante o período da exposição.

Categoria 4

Textos de reflexão crítica sobre arte contemporânea a partir do tema “poéticas e políticas de reparação”. Assim como o MAC-PR está em processo de revisão de sua história e políticas de acervo e aquisição, esta categoria tem como objetivo reunir um conjunto de reflexões críticas sobre a diversidade e a representatividade em coleções de arte no Brasil.

ANDRÉ DAMIÃO

São Paulo / SP

Pop ups de cloroquina, 2020

Website

Sobre seu trabalho

“Pop-ups de cloroquina” é um ensaio em forma de website composto próximo ao momento no qual o Brasil ultrapassou 100.000 mortes por SARS-CoV-2. O trabalho explora de maneira exaustiva os elementos sonoros, visuais e interativos da interface do navegador web: pop-ups, movimentos de mouse e o arrastar das janelas constituem as

formas de tocar o instrumento que executa essa composição. A narrativa proposta no trabalho é mostrada através de algumas imagens que formaram parte de um imaginário constituído no Brasil ao longo da quarentena até aquele momento. Alguns desses elementos audiovisuais perpassam todo o trabalho e são resumidos aos números. A contagem, nesse caso expressa não só a lógica interna e tautológica do meio digital, como a expressão de uma forma com a qual fomos anestesiados ao longo do período da quarentena a cada anúncio de centenas de novas mortes.

André Damiano, 2021.

Link da obra: <https://obrasdigitais.mac.pr.gov.br/chloroquinepopups/>



MATHEUS MONTANARI

Caxias do Sul / RS
Paisagens Algorítmicas, 2020
Intervenção online

Sobre seu trabalho

A paisagem é muito mais do que um pano de fundo onde se desenrola a ação, ela é também algo da ordem da ação, contemplando dimensões espaço-temporais que encapsulam uma série de elementos sociais, tecnológicos e estéticos. Com a lógica algorítmica emergente e onipresente, temos que considerar esses elementos como agentes e como parte da paisagem. Para isso, o trabalho explora o uso de sistemas de Inteligência Artificial para a criação poética dentro do contexto da paisagem urbana. O trabalho consiste em três processos

distintos, em que cada um alimenta o seguinte com seus resultados. O primeiro é uma performance que culmina em uma caminhada algorítmica por duas cidades diferentes: Paris, na França, e Caxias do Sul, no Brasil. Essa ação produz mais de 10.000 imagens, usadas como um conjunto de dados. A segunda parte consiste na análise dessas imagens por um software de aprendizado de máquina criado para este projeto. O software faz uma busca reversa de imagens e encontra os locais mais semelhantes nas duas cidades geograficamente distantes. A terceira parte do projeto consiste em várias operações poéticas nessas imagens, impressas em lâminas de acrílico, que são digitalizadas e se combinam em diferentes níveis de opacidade, gerando uma nova imagem do lugar intermediário. Assim, é gerado um vídeo, quadro a quadro, que explora as dimensões da paisagem levando em consideração a camada algorítmica que a compõe.

Matheus Montanari, 2021.



TUANE EGGERS

Porto Alegre / RS
Fluxos Fungos, 2020
 Website

Sobre seu trabalho

Nada é estático. Tudo é fluxo. “Fluxus Fungus” é um projeto da artista visual Tuane Eggers [baseada em Porto Alegre/RS, Brasil] e surge como resultado das investigações de sua pesquisa intitulada “A Poética dos Fungos”, no mestrado em Poéticas Visuais, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais [PPGAV] da Universidade Federal do Rio Grande do Sul [UFRGS], em 2020. O site foi desenvolvido por Augusto Bennemann, a partir de conceito

visual de Dani Eizirik, e possui código-fonte aberto, disponível aqui. A cada acesso, o micélio surge em um ponto diferente da tela, movido pela indeterminação e imprevisibilidade dos esporos fúngicos, assim como os conteúdos que o compõem — incerteza viva como impulso de criação. A cada dez conteúdos visualizados, surge a possibilidade de abrir um novo micélio com outros esporos. A música é “Pulse”, de Project Mycelium. O projeto tem apoio do Instituto de Artes da UFRGS e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [CAPES].

Tuane Eggers, 2021.

Link da obra: <https://obrasdigitais.mac.pr.gov.br/fluxusfungus/pt/>

Link da obra: <https://obrasdigitais.mac.pr.gov.br/chloroquinepups/>

fluxus
fungus

DAVI CAVALCANTE

Nossa Senhora do Socorro / SE

Do que são feitos os muros, 2020

Instalação

200 cm x 200 cm x 30 cm

Sobre seu trabalho

É uma performance-instalação onde o artista se coloca em espaço público no ofício da gravação de palavras em tijolos de construção que contribuem para confecção de um muro, que permanece no local como uma instalação após a sua atividade performática. Esse trabalho traz uma reflexão poética sobre o peso da ação humana na construção das relações com o espaço e seus pares.

Assista aqui ao vídeo conceitual deste trabalho: <https://vimeo.com/403785569>.

Davi Cavalcante, 2021.

Link da obra: <https://www.mac.pr.gov.br/Pagina/Categoria-3-Davi-Cavalcante>

Link da obra: <https://obrasdigitais.mac.pr.gov.br/chloroquinepups/>



ELIANA BRASIL

Curitiba / PR

Carne nobre, prato do dia, 2021

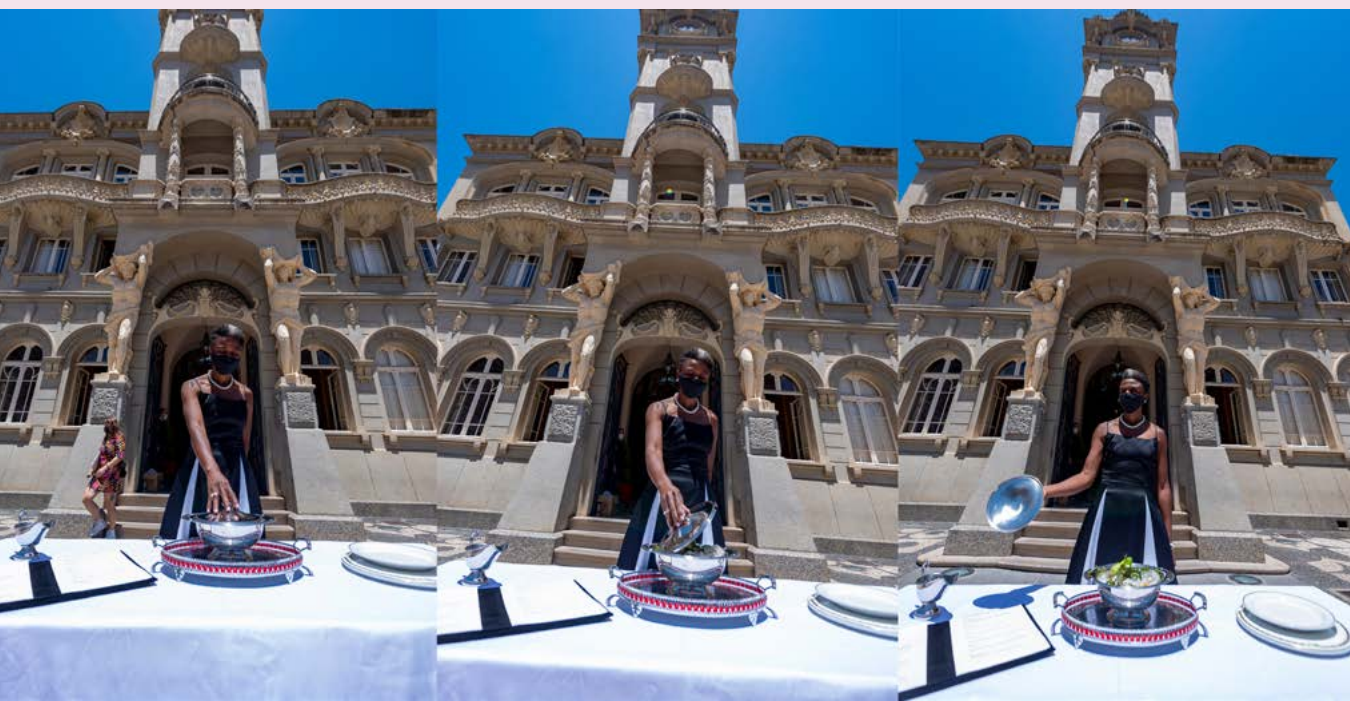
Performance

20' à 30' (aproximadamente)

Sobre seu trabalho

A performance “Carne Nobre, prato do dia” propõe refletir sobre o lugar social onde a mulher negra se encontra hoje, e quais as relações com o pensamento e práticas ainda coloniais. A ação é ambígua pois ao mesmo tempo que apresenta uma mulher negra caminhando elegantemente sobre um tapete vermelho, a mantém atrelada à condição servil. O ato se encerra ao servir num prato único o cardápio apresentado, deixando-o sobre a mesa para ser ‘digerido’ pelo olhar dos que estiverem presentes. Partindo do ideário afrofuturista de transformação, a artista tenta então estabelecer uma reflexão sobre o paradigma do lugar subalterno, herança do colonialismo e que reflete diretamente na realidade da mulher negra, e de suas estratégias de enfrentamento, cura e sobrevivência.

Eliana Brasil, 2021.



ESTEVÃO DA FONTOURA

Osório / RS

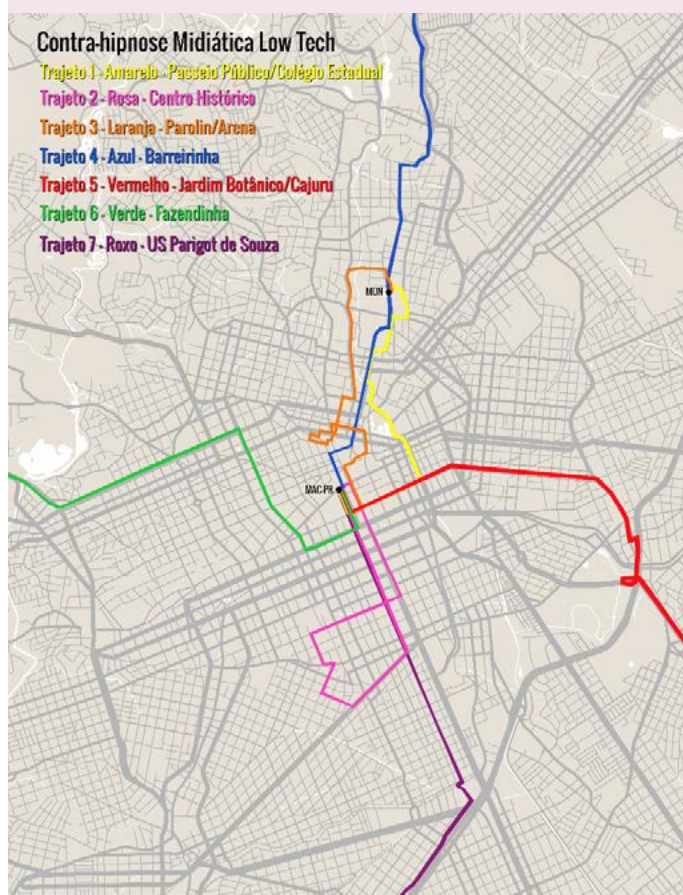
Contra-hipnose midiática low tech, 2021

Intervenção urbana

Sobre seu trabalho

Intervenção urbana que consiste em um carro de som, desses de propaganda, propagando um meta-anúncio, uma locução sobre a experiência imediata de estar ouvindo o carro de som, aprofundando informações sobre a física acústica, anatomia do ouvido e percepção sonora. Uma experiência urbana coletiva de Arte Sonora. A intervenção ocorrerá durante uma semana, paralelamente à primeira semana da exposição, durante três horas por dia, das 16 às 19h, percorrendo um total de 14 bairros.

Estevão da Fontoura, 2021.



GUILHERME JACCON

Curitiba / PR

Gilda, você deixou saudades.

Do povo de Curitiba, 2021

Intervenção urbana

Sobre seu trabalho

Este é um projeto de intervenção urbana que tem como objetivo instalar uma placa de bronze com a frase “Gilda, você deixou saudades. Do povo de Curitiba” na Boca Maldita em Curitiba/ PR e realizar uma cerimônia de inauguração/ performance com a participação do artista Ricardx Nolascx e o Bloco de carnaval Adorei as Almas.

Guilherme Jaccon, 2021.



MANOELA CAVALINHO

Porto Alegre / RS

Vitor, José, Joel, Daniel e Onofre, 2021

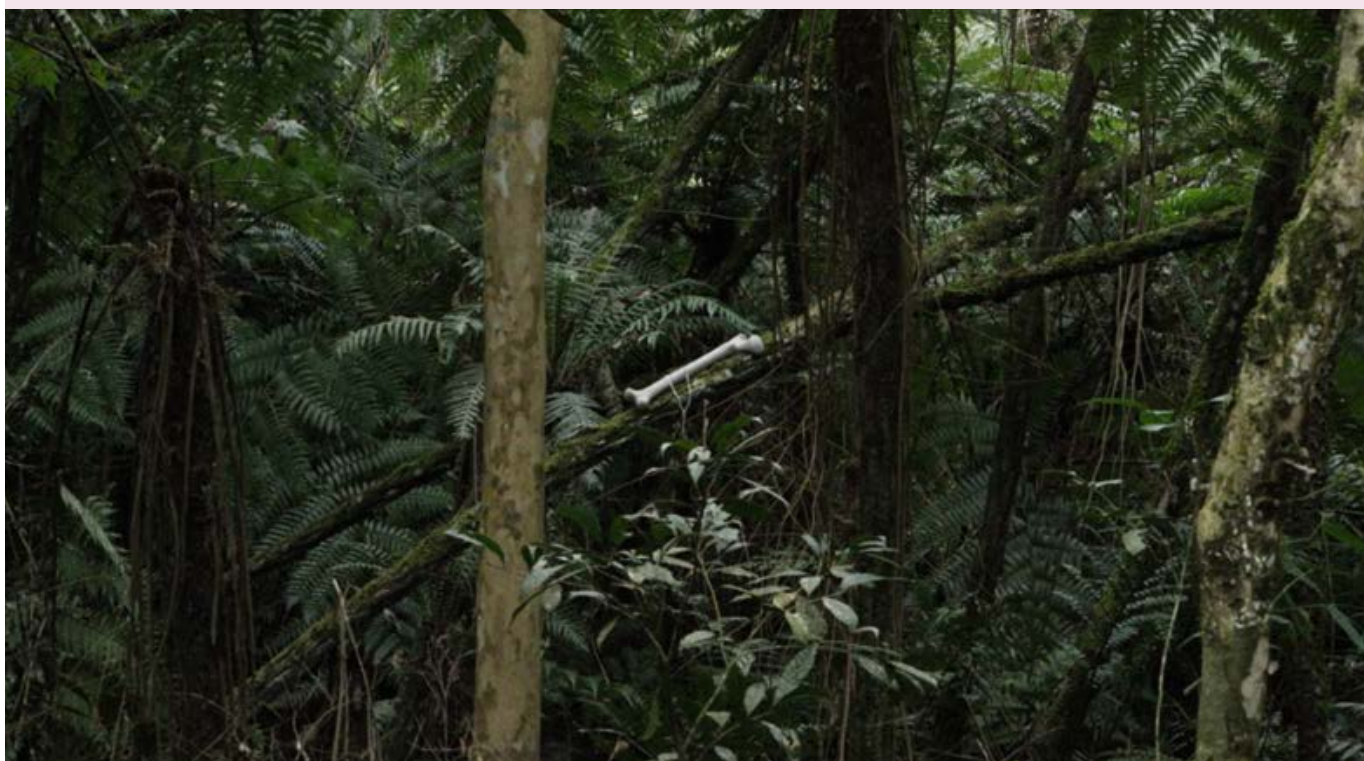
Instalação

Sobre seu trabalho

Na instalação “Vitor, José, Joel, Daniel e Onofre” vou até a antiga Estrada do Colono, via Serranópolis do Iguazu e, ao chegar no final da estrada/ início da mata identifico as árvores pelas quais eu vou passando com uma peça de cerâmica em formato de osso (fêmur, tíbia, vértebra, omoplata), em cor branca e tamanho próximo do natural, modelado pela artista.

Amarro trinta dessas peças com fio de cobre sobre a árvore, cada uma delas um pouco mais para dentro da mata. Sigo adiante até o osso cerâmico de número 30. Esses trinta ossos cerâmicos amarrados funcionam enquanto guiar deste curto trecho que parte da estrada em direção à mata. O caminho também indica o ponto de retorno para esses desaparecidos políticos. Caso isso nunca venha a ocorrer, com o passar do tempo o fio de cobre que sustenta o osso amarrado na árvore também se tornará branco (pelo processo de oxidação), atuando à maneira daquele osso criar raiz pela árvore e, quem sabe, ser envolvido por ela. Ao longo do processo registrarei em fotografia cada cerâmica afixada à árvore.

Manoela Cavalinho, 2021.



RAFAEL RIBEIRO

São Paulo / SP

Vazios, 2020
vídeo
6'23"

Sobre seu trabalho

A intervenção urbana consiste na projeção de um vídeo na empena de um prédio em área de grande circulação em Curitiba, em três ocasiões e durante cerca de duas horas cada vez.

Esse vídeo de cerca de 7 minutos rodado em loop, reúne os “vazios” gravados por uma das câmeras ao longo de um ano na mata. Sempre no mesmo enquadramento, através das imagens contemplamos a mata atlântica, em uma visão noturna, quase prateada, que nos remete a uma estética de câmeras de vigilância.

Quem olha, o que olha, e por que olha?

A área de Curitiba, até a colonização, era coberta de mata atlântica. Esse vídeo, a ser rodado em área de circulação de Curitiba, devolve a floresta à cidade, e convida a refletir sobre o momento em que estamos vivendo.

Rafael Ribeiro, 2021.





EDUARDA CAMARGO

Joinville / SC

Um exercício de luto, 2020

Texto crítico

Resumo do texto

O seguinte texto explora as relações entre o futuro, o fracasso das utopias do século XX e a formação de uma postura crítica na arte nacional durante os anos 70. A partir da identificação de um “estado de luto”, tanto em produções artísticas recentes como em posturas teóricas, são traçadas possíveis estratégias de reação política dentro do circuito artístico contemporâneo.

Eduardo Camargo, 2021.



GIOVANA VESPA

Maringá / PR

A decolonialidade não tem forma, 2020

Texto crítico

Resumo do texto

No texto “A decolonialidade não tem fórmula”, busco refletir sobre a necessidade latente de ações de reparação histórica e descolonização do espaço museal e cultural, assim como traçar possíveis caminhos de atuação que revisem os modos de operação habituais dos espaços de arte.

Giovana Vespa, 2021.



GUILHERME BENZAQUEN E MARCELA LINS

Recife / PE

“Um museu freyriano em um Brasil ainda freyriano”, 2020

Texto crítico

Resumo do texto

No ensaio é proposta uma crítica ao Museu do Homem do Nordeste inspirada na história dos subalternizados. Isso é realizado por meio de um passeio pelas peças da instituição em articulação com produções artísticas contemporâneas. É, portanto, um convite a olhar para esse museu freyriano em busca da crítica de um Brasil ainda freyriano.

Guilherme Benzaquen e Marcela Lins, 2021.



KARINA DAS OLIVEIRAS

Fortaleza / CE

Coleções de arte: fio, ventania, redes de balanço, 2020

Texto

Resumo do texto

A presente reflexão traceja a elaboração das redes de balanço. O mote investigativo se dá a partir da provocação: há presença de artistas indígenas contemporâneos nas coleções de arte no Brasil? Com as ventanias se tecem novos caminhos e redes nos horizontes das transformações.

Karina das Oliveiras, 2021.



KARKARÁ TUNGA

São Paulo / SP

Arte-Vida, Arte-Morte, 2020

Texto

Resumo do texto

A arte constrói o mundo como o conhecemos. Mesmo quando percebemos que não existe separação entre a arte e a vida, outros limites estão configurando a forma como enxergamos a realidade. As invenções da raça e do gênero são alguns desses limites que reduzem as possibilidades de habitar outros mundos. Karkará Tunga, 2021.

ATIVIDADE 1

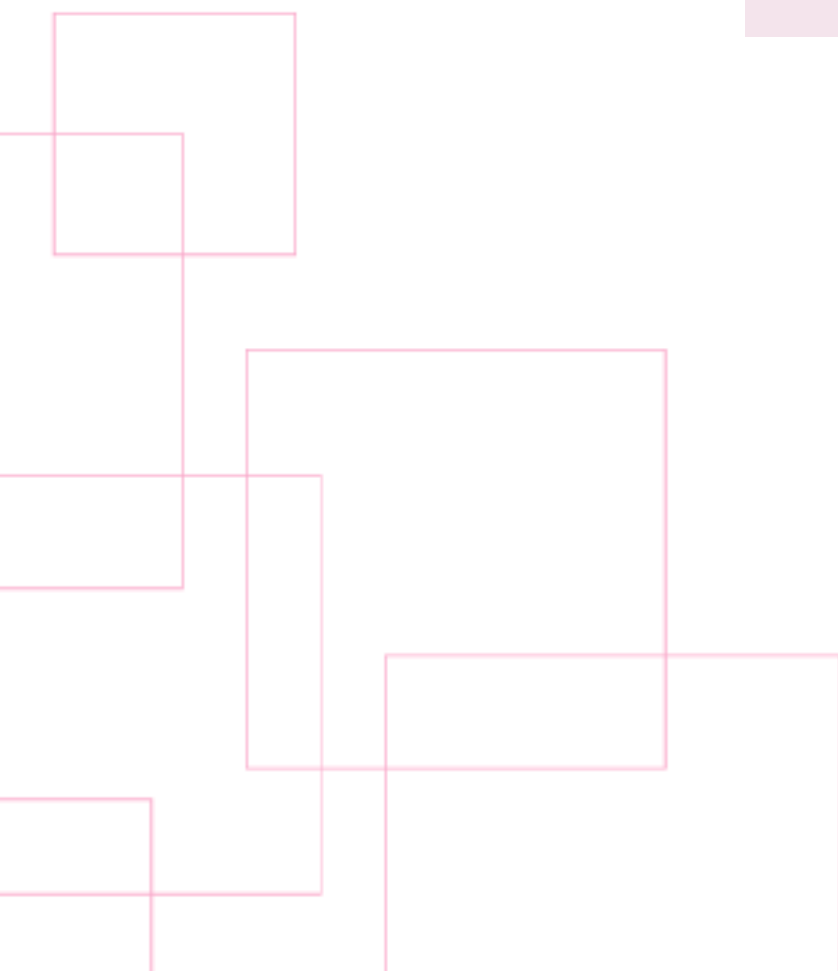
INTERVENÇÕES DIGITAIS

Utilizando de base os trabalhos de intervenção digital de André Damião, Matheus Montanari e Tuane Eggers, proponha aos seus alunos uma intervenção através da plataforma Canva. Indicamos que o professor prepare uma aula com ela e disponibilize uma cópia para os alunos poderem editar livremente. Após a realização, proponha um debate com os alunos para que opinem e discutam sobre as intervenções realizadas.

Link da plataforma: www.canva.com

OBJETIVOS CONTEMPLADOS PELA PROPOSTA:

- Aproximar o aluno das formas de intervenção digital e as possibilidades que as plataformas como o Canva trazem na produção artística.
- Instigar o aluno a produzir e a comunicar suas intenções na produção.
- Reconhecer a intervenção como um movimento e uma proposta artística.



ATIVIDADE 2

INTERVENÇÕES URBANAS

Por meio das intervenções urbanas expostas no 67º Salão Paranaense, apresente ao aluno as intenções por trás das obras e instigue-os a produzir uma intervenção dentro da escola. Incentive-os a usar materiais não tradicionais, que podem ser trazidos de casa, encontrados na escola ou nos seus arredores.

OBJETIVOS CONTEMPLADOS PELA PROPOSTA:

- Estimular os alunos a perceberem com uma outra visão o ambiente ao seu redor, identificar aspectos singulares da comunidade escolar, a confrontar e compartilhar suas opiniões e seus gostos entre si e propor intervenções condizentes com o ambiente;
- Compreender as propostas por trás das intervenções e suas intenções.

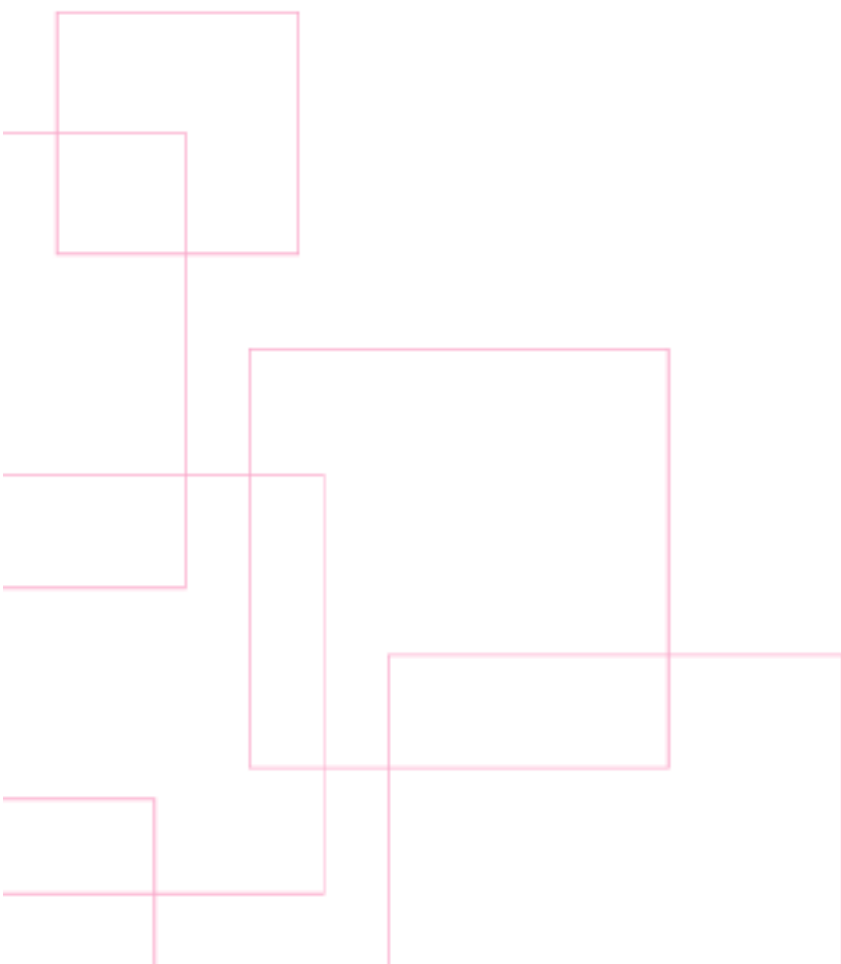
ATIVIDADE 3

TEXTOS DE REFLEXÃO CRÍTICA

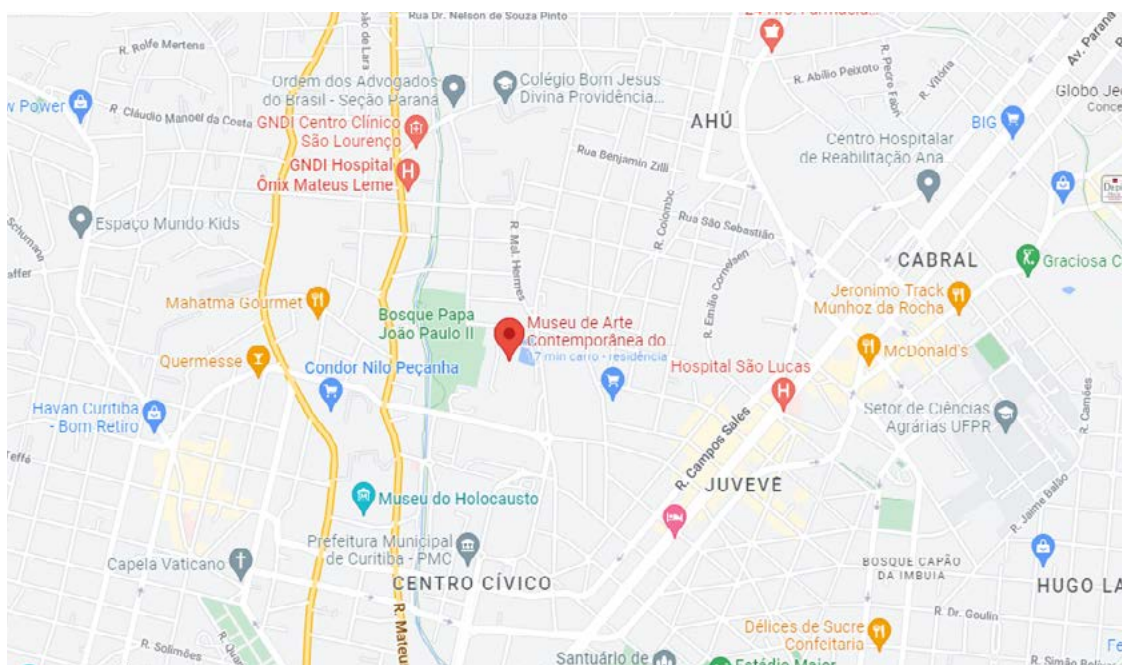
No 67° Salão Paranaense, teve-se a preocupação de trazer textos críticos que refletissem questões pertinentes relacionadas à diversidade e a representatividade dentro das coleções de arte brasileiras. A partir disso, proponha um tema a escolha do professor e proponha uma mesa redonda para a discussão deste tema com o professor e os alunos, para que após isso, cada aluno realize um texto crítico a partir da temática escolhida.

OBJETIVOS CONTEMPLADOS PELA PROPOSTA:

- Incentivar o pensamento crítico e a produção de textos reflexivos pelos alunos;
- Problematizar questões políticas, sociais, econômicas e culturais através da produção de textos críticos.



■ Como chegar ao MAC no MON?



Rua Marechal Hermes, 999 - Centro Cívico, Curitiba - PR

LINHAS DE ÔNIBUS COM PONTOS DE PARADA PRÓXIMOS AO MAC PARANÁ

- ESTAÇÃO TUBO (ASSEMBLEIA)
Rua Prefeito Rosalvo G. Mello Leitão
Fazendinha/Tamandaré
Aeroporto
Inter II (sentido horário)
Boqueirão/Centro Cívico

- **ESTAÇÃO TUBO (PALÁCIO IGUAÇU)**
Rua Cândido de Abreu
Fazendinha/Tamandaré
Aeroporto
Inter II (sentido anti-horário)
Boqueirão/Centro Cívico
- **ESTAÇÃO TUBO MUSEU OSCAR NIEMEYER**
Rua Marechal Hermes
Boqueirão/Centro Cívico
- **PONTO R. MARECHAL HERMES**
Ahú/Los Angeles
Marechal Hermes/Santa Efigênia
Interbairros I (sentido horário)
- **PONTO Rua MANOEL EUFRÁSIO**
Interbairros I (sentido anti-horário)

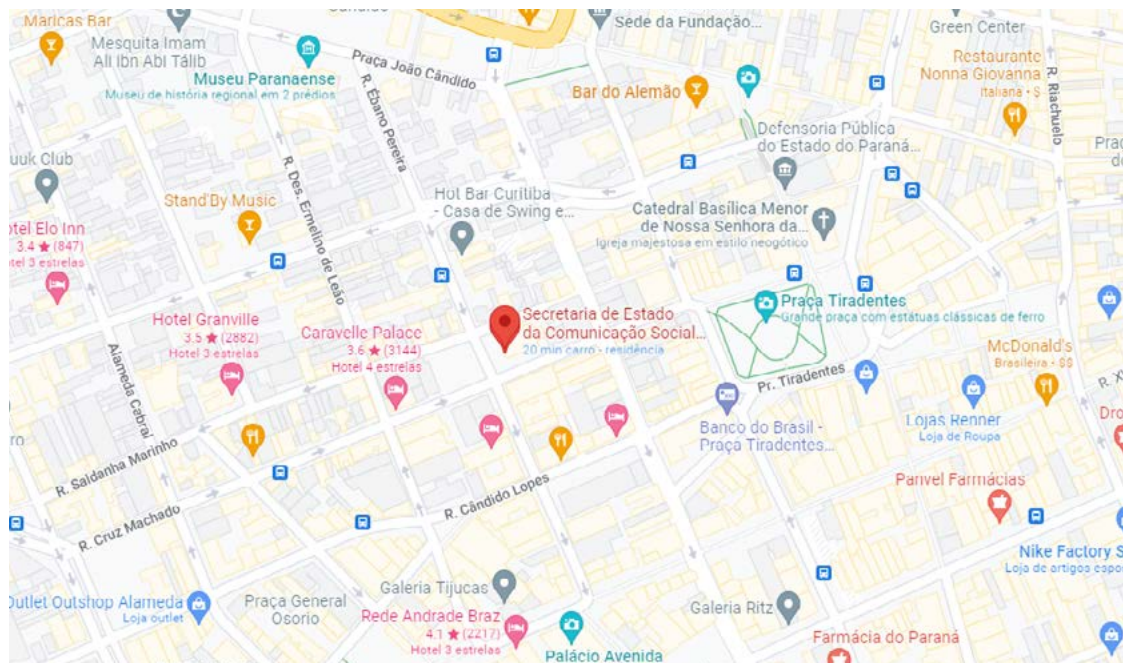
LINHA TURISMO

Uma linha de ônibus especial que circula nos principais pontos turísticos de Curitiba, com ponto de parada em frente ao MAC no MON.

A Linha Turismo circula a cada 30 minutos, percorrendo aproximadamente 45 km em cerca de 2h30. Para embarcar você compra uma cartela com cinco tíquetes, no valor de R\$ 50,00, e tem direito a um embarque e quatro reembarques.

Saídas de terça a domingo, partindo da Praça Tiradentes, das 9h às 17h30, a cada 30 minutos.

■ Sala Adalice Araújo



Rua Ébano Pereira, 240 - Centro, Curitiba - PR. Situada no hall da Secretaria de Estado da Comunicação Social e da Cultura, próximo à Praça Tiradentes.

LINHAS DE ÔNIBUS COM PONTOS DE PARADA PRÓXIMOS À SALA ADALICE ARAÚJO

- BAIRRO ALTO / SANTA FELICIDADE
- STA FELICIDADE / PRAÇA TIRADENTES
- PINHAIS / CAMPO COMPRIDO
- MAD. ABRANCHES
- CABRAL / OSÓRIO
- AHÚ / LOS ANGELES
- NOSSA SENHORA DE NAZARÉ
- ITUPAVA / HOSPITAL MILITAR
- DETRAN / VICENTE MACHADO
- MANOEL RIBAS
- CANAL DA MÚSICA / VISTA ALEGRE
- ALCIDES MUNHOZ / J. BOTÂNICO
- SÃO BERNARDO
- JÚLIO GRAF
- CIC / CABRAL
- COLOMBO / CIC
- MATEUS LEME
- ABRANCHES
- BIGORRILHO
- SAVÓIA
- JD. ESPLANADA
- SÃO BRAZ

■ Ocupe o MAC-PR

PARA SUA TURMA

Marque uma visita mediada conosco,
através do e-mail ou telefone.
educativomac@seec.pr.gov.br
(41) 3323-5265.

Ingressos a R\$30 e meia (estudantes) a R\$15
Instituições públicas de ensino têm isenção do valor do ingresso
mediante agendamento com o Setor Educativo do MAC Paraná.
Quartas-feiras são gratuitas para o público em geral.
Realizamos visitas mediadas com agendamento prévio.

PARA SUA FORMAÇÃO

O MAC Paraná realiza parceria com a Rede Municipal de Ensino
(RME) de Curitiba, a Permanência em Artes, que acontece a
cada dois meses na última quarta-feira do mês. As formações
acontecem em dois períodos, e são abertas à comunidade. Fique
atento à nossa programação nas redes sociais do MAC Paraná.



macparana



mac_parana



mac_parana

Período expositivo
Exhibition period
2022

11 | 31
AGO | OUT
AUG | OCT

SALA
08
ROOM

O MAC-PR está em reforma. Durante o período de restauro da sede, inaugurada em 1974, estamos funcionando no MON, com programação nas salas 8 e 9.

Museu de Arte Contemporânea do Paraná

Rua Marechal Hermes, 999 | Centro Cívico, Curitiba/PR | 41 3323-5328

Visitação

Terça-feira a domingo, das 10h às 18 horas.

Entrada gratuita toda quarta-feira.

Nos demais dias, R\$ 30 e R\$ 15 (meia-entrada).

FICHA TÉCNICA

Museu de Arte Contemporânea do Paraná

Direção

Ana Rocha

Pesquisa e Redação - Setor Educativo MAC Paraná

Lúcia Venturin de Matos

Maria Aparecida de Lima Gonçalves

Marina Raimundini

Gilmar Luiz Kaufmann Junior

Thais Cristina Wroblewski

Fotografias

Fotos cedidas pelos artistas

Kraw Penas

Revisão

Alessandro Manoel

Design Gráfico

Barbara Haro

APOIO



Museu Oscar Niemeyer

REALIZAÇÃO



MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
DO PARANÁ

